



DO “BAILE DE FAMÍLIA” AO “BAILE DE FICHA E CONTRATO”: EXPERIÊNCIAS FEMININAS RESSIGNIFICADAS

Monalisa Dias de Siqueira¹

O presente artigo tem como objetivo discutir a transição dos bailes considerados “familiares” nos anos de 50 a 70 para os bailes com dançarinos de aluguel surgidos na década de 90 e em vigor até os dias atuais, onde as “clientes” pagam para dançar com “dançarinos” por meio de “contratos” ou “fichas”². Os dados apresentados fazem parte da pesquisa de mestrado realizada entre 2007 e 2009³, na qual se buscou compreender experiências femininas acerca do envelhecimento, do corpo, da sexualidade, dos afetos e das relações entre homens e mulheres de grupos etários e sociais distintos em bailes de dança de salão em Fortaleza, Ceará.

As narrativas foram pautadas pelas lembranças de experiências e sensações ocorridas antes e depois da escolha pela prática da dança de salão nos bailes de “ficha e contrato”. De acordo com Sarlo (2007), o próprio momento da narração é o momento da construção da memória. As versões da trajetória narrada por cada indivíduo inscrevem a experiência numa outra temporalidade, tendo em vista que não é aquela do acontecer e sim a da lembrança. Nesse sentido, a “narração funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”⁴.

A passagem do “baile de família” para o “baile de ficha e contrato” ou, em outras palavras, a reordenação desses tempos vividos a partir do que é lembrado e narrado por elas, nos possibilita refletir sobre tal prática de sociabilidade na construção do feminino e da família. Tomando como

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFRGS. Email: monalisadias@gmail.com

² Os bailes de dança de salão ocorrem de terça-feira a domingo, em clubes sociais e restaurantes de Fortaleza. As “clientes” ou “contratantes” são, em geral, mulheres acima dos cinquenta anos de idade que contratam dançarinos, geralmente com idade entre dezoito e trinta anos. No “baile de ficha”, pagando R\$ 1,00 (um real) por cada ficha, elas dançam uma música com o dançarino de sua preferência. Esse tipo de baile ocorre, em geral, nas academias ou escolas de dança. Porém, esse mesmo “sistema de ficha” pode ser observado em praticamente todos os locais de baile de dança de salão em Fortaleza. Assim, as “contratantes” que optam por “dançar de ficha” devem comprar uma quantidade de fichas ou apenas escolher o(s) dançarino(s) e a(s) música(s) de sua preferência. A mulher pode estabelecer a quantidade de músicas que deseja dançar antes de iniciar os primeiros passos no salão e comunicar ao dançarino, ou ainda, ela pode começar a dançar e ao final de determinadas músicas repassar as fichas ou simplesmente pagar em dinheiro o valor correspondente. A outra opção é o pagamento de “contrato”. Este se firma, geralmente, antes da festa, quando a cliente faz um contato por telefone, na academia de dança ou numa festa anterior. Ao final da festa, a cliente pagará o serviço do dançarino, assim como a consumação de sua mesa. O preço do contrato é, em média, R\$ 70,00 (setenta reais), podendo variar de acordo com alguma situação específica. Quando a cliente escolhe “dançar de contrato” ela terá a companhia do dançarino durante toda a festa. Isso implica que ele irá dançar com ela, sentar-se em sua mesa, conversar, comer e beber.

³ Dissertação intitulada “*Quem convida é a mulher*”: experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFC, em setembro de 2009.

⁴ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p.25.



referência Lins de Barros (1981;1987;1989;2009), vemos que o estudo sobre as relações das mulheres na família e fora dela contribui para pensar as próprias mudanças na sociedade, na organização familiar e, especialmente, no que se refere ao lugar da mulher no mundo público e privado.

Assim, a participação de mulheres algumas décadas atrás nos “bailes de família” e a sua participação nos bailes “de ficha e contrato” no momento atual, no qual experimentam um caminhar para a velhice, revela mudanças relevantes no tocante à socialização e às experiências femininas. Observa-se uma assimetria nas relações entre homens e mulheres de grupos de status diferenciado, ao lado de uma prática que subverte as relações de poder e dominação. Veem-se mulheres mais velhas pagando para dançar com homens mais jovens. Mulheres acima de cinquenta ou sessenta anos, desligando-se do espaço doméstico, voltando-se para si mesmas e exercitando outras formas de autonomia, de afetividade, de relações com o corpo e a sexualidade.

Na pesquisa de Vale (2000) sobre os cinemas em Fortaleza e a de Pontes (2005) sobre o lazer nos clubes sociais da capital cearense em meados do século XX, observamos o contexto social de Fortaleza da época. Tais pesquisas nos possibilitam refletir sobre determinadas questões do processo de socialização das mulheres que, mais de meio século depois, freqüentam diferentemente os bailes e contratam dançarinos.

Não é gratuito que em entrevista as mulheres rememorem a aura de elegância e do “ambiente familiar” dos bailes. A referência ao “familiar” aqui não é sem propósito, pois esse “familiar” remete a uma condição feminina precisa e contextualizada. Ir aos bailes bem como ir aos cinemas supunha uma tutela em relação a familiares e parentes. As mulheres não iam aos cinemas ou aos bailes sem a companhia dos pais, irmãos mais velhos, parentes ou amigos de confiança da família, sob pena de serem discriminadas e desclassificadas como sendo inaptas ao casamento. O exemplo da maneira de freqüentar o cinema é bastante esclarecedor a esse respeito. Ao longo das décadas da história da exibição de filmes em Fortaleza, foram muitas as interdições morais. Estas diziam respeito a dois aspectos, tanto as imagens que eram exibidas na tela quanto ao “estar junto” no “escurinho do cinema”. Estas interdições incidiam principalmente sobre as mulheres, como evidencia Vale: “Quando algum filme suspeito era exibido, a imprensa local, depois de feitas as habituais recriminações, convocava as mulheres ao seu papel de esposas, mães e donas de casa, interditando-lhes a freqüência ao cinema.” (VALE, 2000, p.54).

Os códigos que regiam a freqüência nas salas de exibição assemelham-se àqueles relatados por Mirtes Pontes (2005) no que se refere ao lazer clubístico alguns anos mais tarde. As moças e os



rapazes encontravam-se e divertiam-se na presença dos pais ou responsáveis no “ambiente familiar” dos clubes. Os valores da “família-modelo” dos anos 50 em todo o país faziam parte da mentalidade dominante dos chamados “Anos Dourados”. Seus pressupostos estavam constantemente presentes nos conselhos maternos, nos romances, jornais e nas revistas, nos sermões dos padres, na educação dos colégios de freiras e também nos clubes sociais. Em suma, as distinções entre os papéis femininos e masculinos eram reforçadas nas esferas públicas e privadas como em casa, na escola, na igreja e também nos ambientes de lazer.

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional⁵.

Eram explícitos os imperativos que orientavam as mulheres a serem mães, esposas, donas de casa prendadas. Esse era considerado o “destino natural” de toda mulher, fazia parte de sua “essência” ser maternal, doce, pura, resignada, obediente aos pais e, posteriormente, ao marido. Os códigos de moralidade em defesa da “boa família” eram de domínio geral e qualquer um – sejam pais, amigos, vizinhos, educadores, jornalistas – estava apto a julgar os comportamentos das mulheres, solteiras ou casadas, principalmente na esfera pública.

Uma das mulheres entrevistadas e assídua freqüentadora dos atuais bailes de ficha e contrato rememora o final dos anos 50 em Fortaleza. Nesta época, Carmem (advogada e auditora fiscal aposentada) tinha doze anos de idade e morava na Avenida Treze de Maio, no bairro Benfica.

(...) tinha uma restrição que você não tinha essa proximidade com os rapazes. Essa história de fulano ta dando um beijo em fulana, ta namorando, não tinha esse negócio, os padrões eram muito diferenciados. As moças tinham que ser virgem, virgem, virgem. Então, eles tinham assim uma vigilância: ah, não vai para lugar tal porque em lugar tal a freqüência não é boa. Eu lembro que tinha um bar ali na Beira-Mar chamado ‘Bem’, ah não era pra ir para esse bar e festa em periferia nem pensar. Por exemplo, nunca se ia pensar que alguém de mais idade pudesse contratar uma pessoa para dançar, não existia isso, ou você ia com o seu namorado ou ia com seus primos ou ia com seus amigos. E as mulheres casadas sempre iam com os maridos, mulher casada tinha que andar com marido, com filho, mulher casada não tinha negócio de andar só. Mulher casada quando andava só diziam logo: pra onde é que ela vai que não vai levando nenhum filho, nem nada, mas eram os padrões, né?

Tais “padrões” diziam respeito aos valores da “boa moral” da época. As práticas nos “clubes elegantes”, tais como, bailes, carnavais, concursos de *miss*, reforçavam sobremaneira esses valores, pois principalmente a partir da década de 50, a sociabilidade nos clubes fortalezenses era vivenciada e aprovada por toda a família. Como destaca Pontes:

Tamanha rigidez e controle social encontravam nos clubes o ambiente adequado para que a “moça de família”, sob os olhos vigilantes dos pais e dos demais freqüentadores, aí travasse contatos com rapazes do seu nível,

⁵ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi. (Coord. de texto). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 608-609.



entabulasse conversas e iniciasse namoros que se transformariam em noivados e posteriores casamentos. Com efeito, essas instituições constituíam uma maneira de inserção da mulher na vida social. Muito restrita à esfera doméstica e à execução de tarefas ligadas à família, representavam para o segmento feminino da época, uma oportunidade para exercitar a vaidade, dançar e cultivar amizades⁶.

A autora destaca, ainda, que o ‘ambiente familiar’ dos clubes era sempre lembrado e valorizado nas lembranças de quem vivenciou o período. Como podemos observar em algumas narrativas por ela coletada durante sua pesquisa: “Aquilo era lazer de família. Os pais deixavam os filhos lá porque os diretores eram como pais. Zelavam pelos filhos”. “O Ideal [Clube] era como se fosse o quintal lá de casa. Era uma família só. Todo mundo se conhecia” (PONTES, 2005, p.58).

A inserção feminina, neste momento, ainda está ligada a família e o ambiente do clube proporcionava mais que lazer, ele gerava “oportunidade” para as mulheres, a “oportunidade” de cumprir seu “destino natural”: encontrar um marido “do seu nível”, cultivar os valores da família e “exercitar a vaidade” feminina. E era nos clubes sociais que as “moças de família” eram apresentadas à sociedade. Como nos explica Carmem, uma assídua freqüentadora dos bailes, em uma das entrevistas:

Se falava assim: fulano de tal é da sociedade, mas fulano não é, porque fulano não freqüentava [determinados clubes]. (...) e namorava com aquelas pessoas, fazia amizade com aquelas pessoas, assim normal. As pessoas começavam a namorar nos clubes. Tinha muito os 15 anos (...). A festa de debutante, na realidade, é uma apresentação da moça a sociedade. Ali as famílias têm assim o maior prazer de está apresentando aquela moça pra sociedade.

Carmem conta com tristeza o fato de não ter debutado em razão da morte de sua avó dias antes de seu aniversário, pois os bailes de debutante eram um momento muito importante na vida de uma jovem e também dos pais. As famílias da “sociedade”, juntamente com o cerimonial dos clubes, organizavam grandes festas que repercutiam nos jornais locais e garantiam, assim, o *status* social dos freqüentadores dos clubes⁷. O colunismo social e o discurso da imprensa sobre o clubismo demonstram o grau de importância que o fenômeno adquiriu na elaboração do ideal de uma “convivência social civilizada” (PONTES, 2005, p.21).

Além disso, nacionalmente o processo cultural desencadeado também pela comunicação de massa reforçou uma série de idéias relacionadas ao lugar da mulher na sociedade, onde sua fonte de

⁶ PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade e glamour na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005, p.58.

⁷ Pontes (2005) analisa os clubes elegantes em Fortaleza entre a década de 50 e 70. A autora ressalta o *glamour* das festas promovidas nesses espaços: “(...) baile em ‘clube elegante’ era sinônimo de pompa, Era festa com orquestra, com todo mundo vestido a rigor, geralmente associado a algum evento”. (2005; 151). E ainda, “(...) havia todo um esquema de preparativos antecedendo um evento. Começava-se a vivê-lo antes mesmo da ocasião. Da mesma forma deveriam render muitos comentários posteriores, aumentando assim, com o antes e o depois, o seu tempo de duração. A imprensa, por seu turno, acompanhava atenta, a realização das festas dos clubes elegantes, fazendo especulações prévias ou fornecendo descrições detalhadas posteriores, sobre a decoração e as roupas das personalidades presentes (...)”. (2005; 156).



felicidade é em casa, cuidando física e emocionalmente do marido e dos filhos (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.23). Desse modo, revistas, livros e jornais prescreviam “receitas” de felicidade para as mulheres, quer solteiras ou casadas, que invariavelmente estavam ligadas à família, seja na esfera privada ou pública⁸.

Assim, como mencionado anteriormente, os clubes sociais com suas regras de conduta, civilidade e “boas maneiras” cumpriam a função de reguladores das práticas de lazer de determinado grupo. Os bailes de reveillon, carnaval, debutantes, os concursos de *miss*, jantares, eventos esportivos, as festas comemorativas de datas nacionais e aniversários das instituições e de seus sócios contribuía para reforçar os valores ligados ao feminino, ao masculino, a família, a sexualidade e, ainda, manter a segregação social diante do crescente desenvolvimento urbano de Fortaleza.

A partir da década de 50, iniciava-se a incipiente participação feminina no mercado de trabalho. As oportunidades de emprego estavam ligadas às profissões como professora, enfermeira, vendedora, médica (para mulheres). Eram profissões remuneradas e que exigiam um nível de escolarização feminina o que, conseqüentemente, contribuiu para mudanças no *status* social das mulheres. Muitas procuravam o magistério, considerado o mais próximo do “papel de mãe”, porém, não eram todas que exerciam a profissão⁹. Um dos fatores principais que cercavam o trabalho feminino era a existência dos preconceitos, tendo em vista que o “lugar” da mulher era prioritariamente o lar, nos afazeres de donas de casa e mães. Outra ocupação na vida das mulheres ameaçaria os cuidados com o lar, o marido, os filhos.

Algumas mulheres foram consideradas “rebeldes” por desafiar a moral sexual, familiar e do trabalho. Algumas foram felizes em suas relações sociais, outras foram estigmatizadas ou discriminadas. De qualquer forma, seus questionamentos e contestações colocaram em perigo as

⁸ A questão da imprensa nas relações de gênero e, particularmente, em torno do lugar da mulher nas relações sociais pode ser observada nos trabalhos de Rocha-Coutinho (1994): “Esperava-se que sua vida estivesse centrada principalmente no cuidado dos filhos e manutenção da casa. Essas idéias desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos, não tardaram a chegar no Brasil, não apenas através de profissionais que davam novas formulações as velhas posturas e atitudes a respeito do papel da mulher e da importância da mãe na criação dos filhos, como também da imprensa, de livros, revistas e filmes (...)”. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 98). Ver também Del Priore (2006): “Outros livros, não mais dirigidos às mocinhas, mas às esposas, ensinavam a estas a se portar, a se vestir, advertindo contra todo e qualquer excesso de cuidados com pessoas estranhas. A “senhora casada” não poderia jamais preferir outra companhia à do seu marido, nunca procurar seduzir corações masculinos, manter correspondência secreta ou esconder alguma coisa do cônjuge, pois tudo isso concorreria para ameaçar sua “respeitável posição”, assim como para alimentar sua infelicidade”. (DEL PRIORE, 2006, p. 288). Outra referência é a pesquisa de Duarte (2005), na qual analisa a Revista Cláudia.

⁹ O trabalho de Louro (2006) intitulado “Mulheres na sala de aula” traz contribuições para a compreensão do magistério feminino, suas representações e desdobramentos na vida de inúmeras mulheres brasileiras.



normas de comportamento e contribuíram para a ampliação dos limites estabelecidos para o feminino.

Entre as décadas de 60 e 70, eclodiu o fruto lentamente amadurecido nos anos anteriores: a chamada “revolução sexual”. Uma série de experiências femininas ligadas ao corpo, à sexualidade, à família e ao trabalho passou efetivamente a ser questionada e vivenciada – em maior ou menor grau de acordo com o contexto social no qual elas estavam inseridas. O desejo e a coragem de transgredir iam desde a vontade de investir no futuro profissional, fumar, ler coisas proibidas até a explorar a sensualidade em roupas e penteados, discordar dos pais, a contestar secreta ou abertamente a moral sexual, chegando a abrir mão da virgindade – e, por vezes, do casamento. A pílula anticoncepcional desvinculava as práticas sexuais da procriação. As discussões e os ideais do feminismo faziam-se presentes nas revistas direcionadas ao público feminino, nas prateleiras das livrarias e na universidade. Questões como aborto, divórcio, prazer sexual feminino, profissionalização, esvaziamento das tradições familiares colocaram-se, então, na ordem do dia.

Os horizontes com relação à mulher abriram-se, como nos disse Carmem: “O pessoal começou”. Outras mulheres como ela, optaram por uma formação acadêmica, trabalhar fora de casa, não casar e também não ter filhos. Algumas delas, como Rosa (advogada e funcionária pública aposentada), foram para a universidade, casaram, tiveram filhos, enfrentaram a dupla jornada de trabalho e se divorciaram.

As mudanças na sociedade, o desenvolvimento urbano da cidade e a diversidade das práticas de lazer contribuíram para a diminuição da frequência dos associados nos clubes. Isso gerou uma maior abertura dos clubes, inclusive oferecendo serviços e eventos acessíveis mediante a compra de ingressos por “não-associados”. O efeito foi o contrário do esperado pelos diretores e o afastamento do público nos clubes elegantes culminou no fechamento de alguns deles ou na diminuição considerável de atividades em outros. Os clubes já não agradavam mais aos jovens, deixando para trás a aura de glamour e modernidade, tornando-se símbolos de tradição e conservadorismo. Os clubes sociais “elegantes” passaram a fazer parte das lembranças das mulheres entrevistadas nessa pesquisa.

A escolha dos bailes de dança de salão como prática de lazer e sociabilidade nessa nova fase da vida diz respeito, a meu ver, com as memórias relacionadas à juventude, a amizade, a família, ao apreço pelas festas e danças. As experiências vividas por cada uma delas relacionam-se com a construção de si mesma e de seu lugar no mundo social, pois como sugere Halbwachs (1990), toda memória é, por definição, “coletiva”. A memória aparentemente mais particular diz respeito a um



grupo que reconstrói experiências de um passado “que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (RUOSSO, 2005, p. 94). As mulheres freqüentadoras dos “bailes de ficha e contrato” também estão inseridas em um determinado contexto familiar e social.

Desse modo, buscou-se perceber nas conversas estabelecidas nos bailes e também fora deles quais seriam as suas lembranças de outrora, o que falariam sobre os bailes, os relacionamentos, a família. Contudo, o ato de rememorar o passado não era tão recorrente, bem como não parecia espontâneo ou agradável. Elas queriam falar do presente: de sua escolha pela dança de salão, de como eram os bailes e das relações entre clientes e dançarinos. Pelo menos, isso foi esta a impressão inicial. Com o passar do tempo, foi possível compreender a relação entre o “antes” e o “depois” da dança.

Como quando Elvira (dona de casa e pensionista) revelou: “sempre gostei de dançar”. Porém, ela parou de freqüentar festas e de dançar após o casamento, retomando essa prática apenas depois da viuvez. Do mesmo modo, quando Flora (jornalista) relembra o período de seu casamento, a separação conjugal e como sua vida mudou quando começou a “se envolver com a dança de salão”, pois ela “sempre” foi “apaixonada por dança” e somente iniciou o aprendizado cinco meses após o marido sair de casa. Ou, ainda, ao ouvir Carmem falando como “achava lindo” assistir aos casais dançando músicas americanas nos filmes e que depois dos “dançarinos de contrato” aprendeu rapidamente a dançar vários ritmos. Assim, o passado estava sendo recontado de acordo com o momento presente. Em suas falas, elas partiam do presente para atualizar alguns fatos vividos. Por meio da dança e da música era possível estabelecer estas ligações. A partir dos ritmos e as preferências musicais dos freqüentadores dos bailes cultivava-se a memória.

Walter Benjamin (2004), retomando os trabalhos de Bergson e Proust, nos ajuda a pensar sobre estas questões. De acordo com Benjamin, para Bergson existem dois tipos de memória distintos, um primeiro que exerce seu registro através de “imagens-lembranças” e o segundo tipo que procede através da constituição de cadeias de “memória-hábito” que apenas preservam do passado aquilo que é necessário para a vida no momento presente. A primeira é involuntária, completa e mais distante da ação, enquanto a segunda pode ser encontrada, mais ou menos de forma geral, em todos os animais. Através da separação da memória em dois estados puros, Bergson procura mostrar o modo como o passado é armazenado por estas duas formas absolutamente distintas. Por um lado, uma que armazena absolutamente tudo, que conserva todo o passado, mas que não pode ser voluntariamente acessada; por outro lado, a “memória-hábito”, que cristaliza



fragmentos do passado condicionados pela sua utilidade no presente, condicionando o corpo a agir (ou reagir) através destas estruturas incorporadas – uma memória para a ação.

Já em Proust, há uma distinção entre “memória voluntária” e “memória involuntária”. A primeira seria aquela que estaria “à disposição da inteligência”, sempre “pronta a responder ao apelo da atenção, e estaria relacionada, na experiência proustiana, à “pobreza com que por muitos anos se oferecera à sua lembrança a cidade de Combray, onde, no entanto, transcorreria uma parte de sua infância”. Desta “memória voluntária”, ocasionada, por exemplo, pela fotografia, “se pode dizer que as informações que nos dá sobre o passado nada conservam dele”. Segundo a leitura benjaminiana de Proust, o passado vivo nos seria trazido pela “memória involuntária”, provocada pelo contato com “qualquer objeto material (ou na sensação que tal objeto provoca em nós) que ignoramos qual possa ser. Um exemplo disso seria o cheiro da *madeleine* (espécie de pequeno bolo francês) que transporta Proust de volta aos velhos tempos do passado.

Seria possível pensarmos que as danças e as músicas dos bailes seriam como a *madeleine* de Proust? Parece-me ser uma analogia interessante se observarmos nos bailes atuais, entre outros aspectos, como alguns ritmos prevalecem no “gosto popular” das frequentadoras, bem como o apreço pelas apresentações ao vivo de cantores e bandas nos clubes e restaurantes. É notável a preferência pelos boleros que, exatamente por isso, são tocados diversas vezes ao longo da festa. Tal ritmo, juntamente com o forró, preenche o salão de casais da primeira a última música. O espaço torna-se pequeno para a quantidade de dançantes ocasionando, muitas vezes, dificuldades na execução de alguns giros e figuras características dessas danças.

Igualmente como na década de 50, descrita no trabalho de Pontes (2005), os frequentadores dos “novos” bailes em Fortaleza animam-se ao som dos “conjuntos musicais” ou “bandas”. Toca-se praticamente de tudo nos bailes: as canções que fazem sucesso nas novelas, os últimos lançamentos das bandas de forró, mas, principalmente, o repertório é composto por aquelas músicas que marcaram época – pelo menos uma determinada “época”, como é o caso daqueles que viveram sua infância ou juventude por volta da década de 50. Nesse sentido, frequentar os bailes indica também um apelo à memória musical da cidade.

O apreço por ritmos ou músicas específicas entre os dançantes nos bailes não é um fato aleatório. Ele é uma construção feita no presente a partir de experiências ocorridas no passado. Isto porque os ritmos e as músicas tocadas no baile – assim como todos os outros elementos que constituem as experiências de vida de cada ser humano – fazem parte das lembranças individuais carregadas ao longo dos anos. Outro aspecto é a dança a dois e o seu aprendizado. Isso porque na



dança de salão, tradicionalmente, é o homem que conduz a mulher para dançar no salão, é ele quem comanda os passos, ou seja, é ele que “conduz a dama”. No aprendizado da dança de salão esse é o primeiro ensinamento: “prestar atenção na condução do cavalheiro”, pois apesar da mulher “aparecer” mais que o homem, a condução do cavalheiro é fundamental para a desenvoltura do casal na dança. Assim, a socialização da mulher na dança de salão passa por alguns códigos e expectativas como, por exemplo, que o dançarino irá protegê-la no salão, conduzirá a dama da melhor maneira possível para que ela acerte os passos e a levará de volta à mesa ao final da dança. Isto remete a idéia de “cavalheirismo”, ou seja, uma série de códigos que fizeram parte da socialização familiar dessas mulheres, tendo em vista que eram condutas facilmente encontradas (e valorizadas socialmente) até poucas décadas atrás.

Desse modo, tal prática produz uma experiência sensível na qual o som das músicas, os passos da dança, o enlaçamento dos corpos, os olhares no salão transportam essas mulheres para uma outra temporalidade que, ao contrário de ser linear, está pautado por descontinuidades e rupturas que, por sua vez, engendram representações sócio-culturais, históricas e simbólicas que pontuam a ritmicidade de um cotidiano sempre reinventado (ROCHA, ECKERT, 2009). Assim, refletir sobre o “baile das distintas famílias fortalezenses” e o “baile de ficha e contrato” é elucidativo de um processo mais amplo onde a mulher passa a ter uma inserção mais equânime no mundo social. Os relacionamentos entre homens e mulheres, o processo de autonomia, as atitudes diante do corpo, bem como as emoções suscitadas a partir da dança e do encontro com o outro, possibilitam que as experiências dessas mulheres, principalmente no que tange ao envelhecimento, sejam ressignificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Myriam Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.11-70.
- _____. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*: Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1987.
- _____. Memória de velhos e família. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, p.29-42.
- _____. Memória, experiência e narrativa. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Org.). *Individualismo, sociabilidade e memória* (Anais do Colóquio). Porto Alegre: Editora Deriva, 2009.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi. (Coord. de texto). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.607-639.
- BENJAMIM, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 4.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.



- DEL PRIORE, Mary. (org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (Coord. de textos). 8.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmem da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (Coord. de textos). 8.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade e glamour na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 43, 2009, p. 105-124.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- SIQUEIRA, Monalisa Dias de. “*Quem convida é a mulher*”: experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão. Fortaleza, 2009. 118 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 2000.